

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS “CIÊNCIA É 10!”

Ana Alice Pasin

**PERCEPÇÕES E CONHECIMENTOS DOS ÍNDIOS KAINGANG DA ÁREA
INDÍGENA MONTE CASEROS, NO MUNICÍPIO DE IBIRAIARAS-RS, SOBRE
PANC's E FITOTERAPIA**

Porto Alegre

2021

Ana Alice Pasin

**PERCEPÇÕES E CONHECIMENTOS DOS ÍNDIOS KAINGANG DA ÁREA
INDÍGENA MONTE CASEROS, NO MUNICÍPIO DE IBIRAIARAS-RS, SOBRE
PANC's E FITOTERAPIA.**

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado ao Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências.

Orientador: Prof. Dr. José Vicente Lima Robaina

Coorientadora: Tutora Dra. Michele Pittol

Porto Alegre

2021

**PERCEPÇÕES E CONHECIMENTOS DOS ÍNDIOS KAINGANG DA ÁREA
INDÍGENA MONTE CASEROS, NO MUNICÍPIO DE IBIRAIARAS-RS, SOBRE
PANC'S E FITOTERAPIA.**

***PERCEPTIONS AND KNOWLEDGE OF THE KAINGANG INDIANS FROM THE
MONTE CASEROS INDIGENOUS AREA, IN THE MUNICIPALITY OF
IBIRAIARAS-RS, ABOUT PANCS AND PHYTOTHERAPY.***

Ana Alice Pasin¹, Michele Pittol², José Vicente Lima Robaina³

¹UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ²UFRGS- Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, ³UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

¹alicepasin@hotmail.com

² mipittoll@gmail.com

³joseroaina1326@gmail.com

RESUMO

A educação indígena, tem uma cultura riquíssima, porém, pouco conhecida pelas pessoas e o resgate é importante não apenas para os indígenas, como para todos, visto que pertencemos a mesma história. Sabe-se da importância que os índios dão aos remédios caseiros e a fitoterapia e, historicamente, eles têm muito valor, porém, não há registros de quais plantas são usadas atualmente e nem como eles usufruíam delas antigamente. As Panc's são plantas alimentícias não convencionais e o interesse sobre elas recai sobre a questão se as mesmas são usadas pelos indígenas e como é o seu preparo. O estudo aconteceu junto aos indígenas da área indígena Monte Caseros, na cidade de Ibiraiaras-RS, com o intuito de observar e refletir sobre o conhecimento deles e sua relação com a fitoterapia e as Panc's. A abordagem utilizada foi a Pesquisa Qualitativa. Tendo como base o estudo de caso e observações realizadas, percebeu-se o conhecimento dos indígenas sobre grande quantidade de plantas medicinais, porém, apesar de não ter conhecimento do termo Panc's, mas fazem uso de plantas em sua alimentação. A elaboração dos mapas mentais sobre fitoterapia e Panc's se deu, onde os alunos, debruçando-se sobre as observações feitas com os indígenas mais antigos da aldeia, puderam, através da atividade lúdica, montar todo o aprendizado adquirido com os resultados da pesquisa. Os alunos demonstraram grande interesse em conhecer e aprofundar mais os conhecimentos sobre os temas e a troca entre os dois grupos foi recíproca, afetiva e inspiradora para todos os envolvidos.

Palavras-chave: Fitoterapia; Panc's; Educação Indígena; Resgate Cultural; Kaingang.

ABSTRACT

Indigenous education has a very rich culture, however, little known by the people and the rescue is important not only for the indigenous people, but for everyone, since we belong to the same history. The importance that the Indians give to home remedies and herbal medicine is known and, historically, they have a lot of value, however, there are no records of which plants are used today or how they used them in the past. Panc's are unconventional food plants and the interest in them lies in the question of whether they are used by the indigenous people and how they are prepared. The study took place with the indigenous people of the Monte Caseros indigenous area, in the city of Ibiraiaras-RS, in order to observe and reflect on their knowledge and their relationship with herbal medicine and the Panc's. The approach used was Qualitative Research. Based on the case study and observations carried out, the knowledge of the indigenous people about a large amount of medicinal plants was noticed, however, despite not having knowledge of the term Panc's, they use plants in their food. The elaboration of mental maps on phytotherapy and Panc's took place, where the students, poring over the observations made with the oldest Indians in the village, were able, through the playful activity, to assemble all the learning acquired from the research results. The students showed great interest in getting to know and further deepen their knowledge about the themes and the exchange between the two groups was reciprocal, affective and inspiring for everyone involved.

Keywords: Herbal medicine; Pancis; Indigenous Education; Cultural Rescue; Kaingang.

1 INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Monte Caseros está localizada na Capela Santa Catarina, na área indígena Monte Caseros, no município de Ibiraiaras-RS. A escola tem 104 alunos da área indígena e de dois pequenos povoados, também de índios Kaingang, localizados próximos a ela, que são: Vila Nova e Santo Antônio, sendo que a Vila Nova está no meio das outras e a distância entre as 3 é de aproximadamente 2 Km.

Os índios Kaingang têm um vasto conhecimento de ervas e seus usos, desta forma, buscou-se com esta pesquisa a catalogação destas ervas e do conhecimento sobre as mesmas que os índios têm. A ideia base foi promover o ensino por investigação, utilizando a integração e a colaboração destes dois grupos (indígenas mais experientes e os alunos indígenas) na pesquisa da flora local (fitoterapia) e seus usos no dia a dia dos indígenas e a visão dos mesmos sobre Panc's (Plantas Alimentícias Não Convencionais). Os alunos indígenas terão vasto acesso a todo o

material elaborado e poderão intervir a todo momento, enriquecendo o processo. Com os alunos, através de uma sequência didática, foi realizada a confecção de mapas mentais e histórias em quadrinhos, abrangendo os achados da pesquisa sobre os temas.

Partindo-se do pressuposto que ao catalogar-se, eterniza-se e aprofunda-se um conhecimento até então quase desconhecido da maioria das pessoas, a educação toma sua posse de protagonista, colocando pessoas com conhecimentos ricos e que apesar de populares, são atores principais de uma história com sua exuberância e valor *in situ*, a qual precisa ser vista e reconhecida mais amplamente. Desta forma, o curso vem ao encontro da pesquisa de uma maneira muito homogênea, visto que o assunto e o curso têm um viés comum com as Ciências.

Assim, a escolha do tema se deu em virtude da percepção da importância da teorização e elaboração de material concreto de todo o conhecimento de flora que os índios Kaingang têm, além do interesse da visão dos mesmos no que diz respeito ao termo Panc's, seus usos e suas sabedorias sobre o tema. Ao final da pesquisa, foi construído um herbário como conclusão de todo o material coletado e como forma de concretizar todos os achados, de maneira que a elaboração do mesmo será em conjunto com a comunidade escolar, contando com a ajuda dos alunos em todos os processos. Dentro da sequência didática, aconteceu como um dos pontos fortes do trabalho, a realização de trabalhos finais sobre a pesquisa, as quais serão em forma de construção de mapas mentais e histórias em quadrinhos por parte dos alunos. A cultura indígena mostra-se muito rica nos artefatos manuais, onde desde muito pequenas, as crianças já iniciam no artesanato com trabalhos mais simples, com linhas e penas, depois passando para a arte com taquaras. Desta forma, a construção por parte dos alunos de mapas mentais e histórias em quadrinhos, sem dúvida, além de agregar na questão do conhecimento de uma forma geral, incentiva a trilharem ainda mais este caminho das artes, a qual eles tem gosto e facilidade em executar.

A escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Monte Caseros, tem seu público alvo originário dos índios Kaingang, logo sua cultura e vivências são muito ricas. Porém, o que se observa é o fato de que apesar de rico patrimônio cultural e conhecimento popular por parte, principalmente das pessoas mais antigas da aldeia, pouco ou quase nada está catalogado destes conhecimentos em fitoterapia e seus leques. Assim, corre-se grande risco de todos estes conhecimentos serem perdidos com o passar do tempo. Desta forma, a pesquisa visa o resgate e a catalogação de

todas as informações e conhecimentos dos índios Kaingang da área Monte Caseros sobre o assunto, com o propósito de deixar registrado para a posteridade todos os conhecimentos e aprendizados que as pessoas da área indígena tem sobre fitoterapia e Panc's.

Desta forma, o trabalho foi pautado na seguinte questão: “Como o resgate de vivências e conhecimentos sobre fitoterapia e uso de Panc's, juntamente com o ensino por investigação, poderá auxiliar no processo de resgate e ensino/aprendizagem de alunos indígenas? ”

A pesquisa foi alicerçada na busca por informações junto, principalmente, com os moradores e na escola, sobre qual é a percepção e o conhecimento acerca dos seguintes temas: fitoterapia e Panc's (Plantas Alimentícias Não-Convencionais).

O objetivo geral foi identificar quais conhecimentos o povo Kaingang, morador da área indígena Monte Caseros, tem sobre Fitoterapia e Panc's e avaliar a aplicabilidade de uma sequência didática sobre Panc's e fitoterapia, como estratégia para despertar o interesse e a aprendizagem dos alunos sobre os temas e resgatar a rica cultura fitoterápica dos índios Kaingang.

Além disso, os objetivos específicos foram: relacionar as plantas usadas pelos indígenas, suas funções fitoterápicas e seus usos na alimentação indígena, sistematizar didaticamente os achados da pesquisa, os quais serão usados durante as aulas, com o intuito de demonstrar a importância do resgate e da valorização do conhecimento Kaingang sobre os assuntos abordados, reproduzir histórias em quadrinhos e mapas mentais com os alunos da escola, observando-se a maior aproximação deles com a cultura e a culminância da pesquisa; utilizar a pesquisa sobre conhecimentos, vivências e tradições no uso de plantas fitoterápicas e Panc's, no processo de ensino/aprendizagem dos alunos indígenas. Assim sendo, o presente trabalho se justifica em virtude da riquíssima cultura Kaingang ser endêmica na região, onde os seus costumes e vivências estão isolados e pouco conhecidos e estudados pelas pessoas que moram perto da aldeia. Os índios Kaingang têm uma cultura muito variada e abundante, porém, não divulgada e conhecida pelas demais pessoas. A pesquisa visa o conhecimento intrínseco da cultura, dos costumes e valores, em especial a ligação e relação que os mesmos têm com a flora local.

As contribuições da pesquisa estão baseadas nos achados da cultura, sua forma de vivência e seus conhecimentos milenares e passados de geração em geração sobre plantas, seus usos e suas peculiaridades. Os achados são importantes

para o conhecimento maior da cultura por parte de toda a aldeia, em especial dos alunos da escola, a qual sempre procura resgatar a cultura Kaingang, para que assim ela permaneça viva entre o povo.

No que tange a disciplina de Ciências e a formação docente, a pesquisa é importante na questão de novos saberes sobre a cultura, resgate de conhecimentos e bagagem maior para trabalhar em sala de aula com os alunos indígenas.

Desta forma, o trabalho buscou na sua essência, conhecer os índios Kaingang moradores da aldeia Monte Caseros, Capela Santa Catarina, no município de Ibiraiaras- RS, seus conhecimentos e usos acerca da flora local e regional, trabalhando com os alunos da escola através das aulas, a elaboração de materiais que ilustrem os achados na pesquisa. O trabalho se deu em torno da observação da cultura indígena Kaingang e todo o seu conhecimento a cerca da natureza, em especial da fitoterapia e das Panc's.

O presente artigo traz as impressões sobre a atividade pedagógica realizada junto ao indígenas mais idosos da área indígena Monte Caseros, na cidade de Ibiraiaras- RS, sobre os seus conhecimentos sobre fitoterapia e Panc's, onde o principal resultado do trabalho está pautado na reflexão pessoal a respeito do tema em estudo e de minha prática pedagógica e trajetória no curso, onde iniciei o curso buscando novos aprendizados em ciências, porém, já com a intenção de trabalhar as percepções dos indígenas sobre plantas medicinais e Panc's. Ao final, foram confeccionados mapas mentais e histórias em quadrinhos pelos alunos, os quais foram baseados nos ensinamentos repassados pelos demais indígenas e onde os alunos, junto aos indígenas, puderam de forma lúdica, aprender ainda mais sobre sua rica cultura e tirar todas as dúvidas sobre o assunto.

Desde o Ensino Médio, tive curiosidade e a disciplina que mais gostava era Biologia. Durante minhas duas graduações (Licenciatura Plena e Bacharel) em ciências, sempre me senti muito segura e realizada com todo os conhecimentos adquiridos e o caminho percorrido. Meu gosto pela Ciência, principalmente pela parte ambiental, fez com que buscasse me especializar nesta área, e, em 2014, conclui o Curso de Especialista em Educação Ambiental pela UFSM. No ano de 2015, ingressei no Mestrado em Ciências- Química da Vida e Saúde, porém, por motivos alheios a minha vontade, não consegui concluir. Em 2020, iniciei o Curso de Especialização em Ensino de Ciências "Ciência é 10", o qual superou todas as minhas expectativas, sendo um grande aliado na mudança e evolução das minhas aulas. Assim, o presente

artigo tem por objetivo o relato/registro das impressões da atividade pedagógica realizadas junto aos indígenas e alunos da Escola Estadual Indígena Monte Caseros, da cidade de Ibiraiaras-RS, sendo o ponto chave de todo o processo, a reflexão a cerca dos temas, buscando a conversa com toda a caminhada pedagógica e do curso Ciência é 10, contruída até agora.

Muitas são as impressões que temos e carregamos sobre nossas vivências e práticas pedagógicas ao longo dos tempos, e como nos explica Freire(1995): “O conhecimento emerge apenas através da invenção e reinvenção, por meio de um questionamento inquieto, impaciente, continuado e esperançoso de homens no mundo, com o mundo e entre si. O conhecimento é um processo que transforma tanto aquilo que se conhece, como também o conhecedor“. (FREIRE, 1995, p.58).

Desta forma, o conhecimento indígena, apesar de muito vasto e sem comprovação científica, sempre teve grande influência não só sobre os indígenas, como também recaindo em outras culturas. Usamos muito dos saberes indígenas, sem sequer nos darmos conta, muitas vezes. Minha família é adepta de fitoterapia há gerações e ao observar os usos e costumes dos indígenas, por muitas vezes vi minha avó e minha mãe usarem as mesmas partes daquela determinada planta para os mesmos benefícios e isso me encantou, pois de certa forma, há uma grande ligação e troca neste processo, aproximando as culturas. Em um trabalho da faculdade, estudei sobre algumas plantas e muitas delas são usadas de forma vasta pelos indígenas e sobre as quais ouvi meus avós falarem, mas as quais são pouco usadas por nós, em comparação às plantas herbáceas. Assim, mesmo não havendo conhecimento científico sobre os usos das plantas pelos indígenas, existe fortemente agregado um grande valor cultural e afetivo neste processo, onde toda a bagagem adquirida é passada de geração a geração, onde permanece viva não só a cultura, como também as vivências e aprendizados dos índios Kaingang.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ORIGEM KAINGANG

O grupo indígena Kaingang é conhecido como Guaianá. A partir do ano de 1882 recebe a denominação de Kaingang. Sobre o termo Kaingang Ítala Becker enfatiza:

[...] é denominado Kaingáng, termo introduzido por Telêmaco Morocines Borba para designar todo o índio não Guarani dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; abrange os que antes eram conhecidos como Guaianá, Coroados, Bugre, Shoklêng, Tupi, Botocudos, etc., enfim todos os grupos que linguística e culturalmente formavam o ramo meridional da Família Jê [...]. (BECKER, 1995, p.37).

Os indígenas Kaingang pertencem à família linguística Jê, a qual está inserida no tronco linguístico Macro-Jê, e são considerados descendentes dos antigos Guayaná.

De acordo com Laroque (2002), “no Rio Grande do Sul, quando iniciou a conquista, os Kaingang estavam localizados entre o rio Piratini e as cabeceiras do rio Pelotas, mas o grande território Kaingang estendia-se também pelos Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo até atingir a região das Missiones, na Argentina”. (LAROQUE, 2002, p. 34).

“O etnônimo “Kaingang” – proferido na língua nativa como “Kanhgág” – significa, no sentido literal da palavra, “pessoa indígena”, ou “gente do mato”, “comedor de pinhão” (CLAUDINO, 2013, p.19). De acordo com Tommasino (2000), “a auto identificação como “gente do mato”, ou seja, como parte do ambiente, remete à noção de um ambiente determinado, enquanto constitutivo de sua identidade, evidenciando no passado, diversas foram as formas de nominação deste povo”. (TOMMASINO, 2000, p. 196).

“No século XVII, por exemplo, os padres jesuítas denominaram-nos de “Gualachos” e “Chiquis”. A literatura histórica paulista, do final do século XIX e início do século XX, adotou o termo “Guaianás”. E ainda, nesse período também foram chamados de Coroados pelos agentes do Estado e por religiosos, pois tinham o costume de cortar os cabelos como os frades”. (MOTA, 2004, p. 02).

“O povo Kaingang está entre os mais numerosos povos indígenas do Brasil. Fala uma língua pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, que é reconhecida somente no território brasileiro e que têm falantes desde o sul do Pará e Maranhão até o Rio Grande do Sul. De acordo com critérios geográficos, socioculturais e linguísticos, os Xokleng e os Kaingang pertencem ao grupo Jê Meridional. Em termos

demográficos, os Kaingang se constituem na primeira etnia do tronco Macro- Jê e a segunda etnia do território brasileiro”. (ROSA, 2005, p. 29).

No mito de origem Kaingang, os primeiros humanos saíram da terra, por isso que eles têm cor de terra e, além disso, para eles a terra faz parte e está presente em sua cultura e em suas tradições, como podemos perceber nas visitas às terras indígenas. Segundo Tomassino (2005) “segundo esse aspecto, a terra pode ser entendida pelos indígenas Kaingang como a mãe de todos os elementos da natureza e de si mesmo enquanto ser que também é parte constitutiva do universo natural, e que está ligado a ele”.(TOMMASINO, 2005, p. 07).

A explicação mítica sobre a origem dos Kaingang permeia toda a cultura desse povo e constitui-se como o princípio estruturante de todas as esferas da vida em sociedade. Essa ligação do Kaingang com a Terra-Mãe permanece nas atividades do grupo, em todos os momentos de sua vida. “Pode-se dizer que os Kaingang estão, o tempo todo, metaforicamente ligados à terra. A relação da unicidade, Homem-Terra, permeia a vida desde o nascimento até a morte: da terra nasceram e a ela retornarão”. (TOMMASINO, 2004a, p. 276).

A organização sociocultural Kaingang é conhecida pelos princípios cosmológicos dualistas, de acordo com o mito de origem, representado pelos antepassados *Kamẽ* e *Kajru*, mas que não impõem uma separação espacial entre as diferentes dualidades. Cada metade clânica possui uma marca/sinal, que usa em seus rituais: a dos *Kamẽ* é *téj* (comprido); a dos *Kajru* é *ror* (curto). As pessoas da mesma marca são consideradas irmãs e irmãos. (FERREIRA, 2014, p. 38).

Hoje são reconhecidas oficialmente como terras indígenas no Estado do Rio Grande do Sul, as terras de Irai, Rio da Várzea, Nonoai, Serrinha, Votouro, Monte Caseros, Ligeiro, Carreteiro, Cacique Doble, Guarita e Inhacorá; no Estado de Santa Catarina as terras de Chapecó, Toldo Chimbangue e Toldo do Pinhal; no Paraná as terras de Apucarana, Mococa, Queimadas, Ivaí, Faxinal, Marrecas, Mangueirinha, Rio das Cobras e Palmas; no Estado de São Paulo as terras de Icatu e Vanuíre (FUNAI, 2009).

A história do contato entre os Kaingang e os colonizadores europeus teve início no século XVI, quando alguns grupos que viviam mais próximos ao litoral atlântico tiveram os primeiros encontros com os portugueses e ainda com os espanhóis. No

entanto, os registros históricos dessa época não nos dão maiores detalhes destes contatos iniciais. No século XVIII, várias foram as tentativas dos portugueses e jesuítas para submeter os Kaingang ao seu poder, contudo, foram poucos os que aceitaram viver sob o comando dos jesuítas. Assim, grupos de outras localidades viveram livres nas regiões de campos e florestas no sul do país até o século XIX, quando foram conquistados, pelos ditos civilizados. Segundo a antropóloga Kimmiye Tommasino, “os índios se relacionam com as cidades desde o século XVI, ou seja, desde seu surgimento” (TOMMASINO, 2001, p. 2).

2.2 EDUCAÇÃO INDÍGENA

A Escola tem um papel fundamental na formação indígena, onde, desde pequenos, frequentam a escola e aprendem muito sobre seus costumes e cultura. Eles vêm a escola com grande alegria e com olhinhos curiosos, buscando, entre outras coisas, brincar e se divertir.

Nas sociedades indígenas brasileiras [...] a fase que corresponde à infância marcada pelo que consideramos ser uma enorme liberdade na vivência do tempo e do espaço, e das relações societárias que por meio destes se estabelecem, antecedendo ao período de transição para a idade adulta que, então, inaugura limites e constrangimentos muito perigosos. (NUNES, 2002, p. 65).

Os índios Kaingang, assim como todos os demais, sempre procuram preservar seus antepassados e sua rica cultura e ela é prevista em lei, como nos explica Bonin (2008).

Admitindo que a educação é um processo que ocorre de modos distintos e por meio de pedagogias e instituições próprias em cada cultura, a constituição reconhece em relação aos índios, no Artigo 231, “sua organização social, costumes, crenças e tradições” e no Artigo 210, parágrafo 2º “a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. (BONIN, 2008, p. 36).

Ainda, no estatuto do índio, temos a seguinte explicação:

Art.48- Estende-se à população indígena, com as necessárias adaptações, o sistema de ensino em vigor no País.

Art. 50- A educação do índio será orientada para a integração na comunhão nacional mediante processo de gradativa compreensão dos problemas gerais e valores da sociedade nacional, bem como do aproveitamento das suas aptidões individuais. (ESTATUTO DO ÍNDIO, 1973, p. 06).

Grupioni (2008), nos explica que uma escola que se constitui pela imposição do ensino da língua portuguesa, pelo acesso à cultura nacional e pela perspectiva da integração não pode ser aceita e a partir daí se moldou um outro modelo de como deveria ser a nova escola indígena, caracterizada como uma escola comunitária (na qual a comunidade indígena deveria ter papel preponderante), diferenciada (das demais escolas brasileiras), específica (própria a cada grupo indígena onde fosse instalada), intercultural (no estabelecimento de um diálogo entre os conhecimentos universais e indígenas) e bilíngue (com a consequente valorização das línguas maternas e não só de acesso à língua nacional).

A cultura Kaingang é valorizada no currículo, onde tem seu lugar garantido na grade disciplinar, porém, vem perdendo lugar para outras contemporaneidades, onde os jovens indígenas não demonstram mais tanto interesse em aprender a língua materna e isso é uma grande preocupação, principalmente por parte dos mais velhos e lideranças Kaingang.

De acordo com Gersem (1996), “a escola foi o principal instrumento de destruição cultural dos povos, mas também pode ser o principal instrumento de reconstrução e afirmação de uma nova era. [...] “O caminho da educação escolar indígena é a grande esperança de conquista definitiva dos direitos e da terra”. (GERSEM, 1996, p. 87).

A educação é transformadora e libertadora, a mesma pode abrir muitos caminhos e mentes, mudando o cenário de lugares para sempre. A educação indígena ainda tem um longo caminho de conquistas pela frente, visto de a questão discriminatória ainda ser muito assídua com os índios Kaingang. A luta por uma educação indígena de qualidade e voltada os valores Kaingang precisa ser um dos pilares das lutas educacionais, pois é a partir delas que a mudança acontecerá em definitivo.

Santos (2009), explica que “os povos indígenas, ao longo da história, foram submetidos a diferentes políticas do estado brasileiro e a maioria não contemplava

ações que garantissem o futuro desses povos enquanto possuidores de cultura diferenciada”. (SANTOS, 2009, p. 58).

Ainda neste viés, Bernardi e Caldeira (2011), explicam que “a escola é o espaço de reafirmação das identidades e da construção permanente de autonomia e alteridades. O desafio é a concretização de uma educação escolar que permita ao indígena de hoje se orgulhar de ser nativo e lutar para reconstruir o projeto sociocultural de seu povo, onde possa se reconhecer como indígena, fortalecer o sentimento de ser indígena, de sentir-se indígena”. (BERNARDI; CALDEIRA, 2011, p. 67).

Desta forma, as escolas indígenas foram criadas como um espaço para a formação escolar indígena, com o objetivo de preparar o índio para um convívio sócio-cultural e integrá-lo à sociedade brasileira, firmando-se, ali também o seu espaço de formação cultural. De acordo com Cavalcante (2003, p. 22), “concebe-se a escola não como lugar único de aprendizado, mas como um novo espaço e tempo educativo que deve integrar-se ao sistema mais amplo de educação de cada povo”. No caso da escola indígena, o sistema escolar indígena segue os mesmos padrões da sociedade brasileira, sendo as escolas legalizadas nas aldeias, os professores contratados para ministrar as aulas e os critérios de aprovação estabelecidos pelas secretarias de educação”. (CAVALCANTE, 2003, p. 22).

Assim, vê-se que ainda há um longo caminho pela frente no que tange a educação indígena seus direitos educacionais. Anda-se a passos curtos, lentos. Nunca foram prioridade, aliás, a educação como um todo nunca foi, já a educação indígena, menos ainda. Que novos caminhos se abram e que a educação indígena passe a ter seu real valor e lugar.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente trabalho foi baseada na abordagem de Pesquisa Qualitativa, quanto a natureza, ela está enquadrada como básica, já quanto aos objetivos, é uma pesquisa descritiva e quanto ao objeto de estudo está enquadrada como sendo um estudo de caso, e a coleta de dados foi baseada na observação. O método de análise dos dados obtidos foi a Análise Textual Discursiva (ATD), onde esta escolha se deu em virtude de uma melhor forma de adequação do material obtido, visando uma análise mais apurada e detalhista de todo o material

coletado, também, em virtude da situação que a pesquisa estava enquadrada e onde se conseguiria maiores possibilidades de explanação de todos os resultados coletados, visto que os mesmos foram bem expressivos e amplos. As observações que deram suporte para a elaboração do relato de experiência foram realizadas no mês de setembro de 2021.

Assim, a pesquisa foi descritiva, observando-se apenas a posição do autor, ou seja, sua percepção a cerca de como os indígenas vêem e vivem/fazem uso de plantas medicinais e Panc's. Esta análise será embasada e fixada em autores, onde os achados 'conversarão' com autores da área. Desta forma, o estudo visa um melhor entendimento sobre a cultura indígena e toda a sua complexidade no que diz respeito ao comportamento, visão e uso dos fitoterápicos e Panc's. Assim, será feita uma análise discursiva dos dados coletados via observação (APÊNDICE A). **Após as observações e análises, foi realizada uma sequência didática aplicada aos alunos (APÊNDICE B), culminando com** a confecção de mapas mentais e histórias em quadrinhos, as quais retrataram os conhecimentos repassados pelos indígenas e os adquiridos pelos alunos no processo, uma vez que toda a observação feita foi relatada e comentada com os alunos, os quais também deram sua contribuição, visto que muitos já fazem uso e conhecem muitas plantas em virtude dos saberes repassados de geração a geração, desde muito cedo. Desta forma, a metodologia está pautada na visão qualitativa, onde ocorre a observação dos indivíduos e suas vivências e baseado nisso, faz-se relatos sobre o que percebeu-se/sentiu-se no decorrer do processo investigativo, culminando a pesquisa na elaboração por parte dos alunos da escola, em trabalhos que abranjam todos os achados durante o processo de coleta de material. Assim, os mesmos podem não só trabalhar sobre a sua própria cultura, como também aprender ainda mais sobre ela e repassar aos que ainda não conhecem, os seus ensinamentos adquiridos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

“A fitoterapia é muito antiga e as primeiras descrições sobre plantas medicinais feitas pelo homem retomam as escrituras e ao Papiro de Ébers. Este papiro foi descoberto e publicado por Georg Ebers, sendo traduzido pela primeira vez, em 1890, por H. Joachin. Esse material foi encontrado nas proximidades da casa mortuária de Ramsés II, porém pertence à época da XVIII Dinastia, no Egito, e relata

aproximadamente 100 doenças e um grande número de drogas da natureza animal, vegetal ou mineral". (VILELA, 1977, p. 29). Sabe-se que a cultura indígena é uma das pioneiras no uso de plantas para tratar problemas de saúde e que seus benefícios são incontáveis para o restabelecimento como um todo do organismo, visto que não tem, em grande parte das vezes, contraindicação do seu uso.

Durante o período anterior à Era Cristã que ficou conhecido como civilização grega e vários filósofos podem ser destacados por suas obras e a história natural. "Dentre esses destacam-se: Hipócrates, considerado o pai da medicina moderna, que se caracterizou por tomar a natureza como guia na escolha de remédios (Natura medicatrix) e o Teofrasto (372 a.C), discípulo de Aristóteles. É seu o registro da utilização da espécie botânica *Papaver somniferum*, planta cujo princípio ativo é a morfina [Documentos sumerianos de 5.000 a.C. referem-se à papoula e tábuas assíricas descrevem suas propriedades]". (VALLE, 1978, p. 135).

"No Brasil, a primeira descrição sobre o uso de plantas como remédio foi feita por Gabriel Soares de Souza, autor do Tratado Descritivo do Brasil, de 1587. Esse tratado descrevia os produtos medicinais utilizados pelos índios de "as árvores e ervas da virtude". Com a vinda dos primeiros médicos portugueses ao Brasil, diante da escassez na colônia de remédios empregados na Europa, perceberam a importância das plantas utilizadas pelos indígenas como medicamento" (VEIGA, 2002, p. 109).

Desde então, muitas populações de todo o mundo usam plantas medicinais e seus efeitos são eficazes para muitas moléstias. Muitas espécies são estudadas e já estão em uso de maneira científica, visto que suas propriedades terapêuticas foram comprovadas e hoje milhares de pessoas fazem uso de substâncias fitoterápicas como forma de tratamento ou tratamento auxiliar de inúmeras patologias.

Na experiência de contato e aquisição de material sobre o conhecimento e percepção dos indígenas sobre fitoterapia e Panc's, ficou muito claro o vasto saber deles sobre o assunto e a facilidade com que falam sobre. Usam remédios químicos ou manipulados apenas em casos extremos, ou seja, quando o fitoterápico não fez o efeito desejado. Neste caso, procuram orientação médica no posto local ou vem até a cidade para atendimento especializado. A fitoterapia, apesar de ainda não reconhecida como deveria, tem um lugar nas culturas, em especial, na indígena Kaingang. Os índios da área Monte Caseros tem uma vida pacata, onde a existência e as relações se dão de forma muito simples e conseguem, através da fitoterapia,

resolver grande parte de seus problemas de saúde, buscando auxílio médico apenas nos casos mais sérios ou onde a fitoterapia não gerou o resultado esperado.

O objetivo geral, que foi identificar quais conhecimentos o povo Kaingang, morador da área indígena Monte Caseros, tem sobre Fitoterapia e Panc's e avaliar a aplicabilidade de uma sequência didática sobre Panc's e fitoterapia, como estratégia para despertar o interesse e a aprendizagem dos alunos sobre os temas e resgatar a rica cultura fitoterápica dos índios Kaingang foi plenamente alcançado, visto que em todas as etapas houve muito envolvimento e interesse por parte dos indígenas. Já os objetivos específicos que eram:

- Relacionar as plantas usadas pelos indígenas, suas funções fitoterápicas e seus usos na alimentação indígena- também foi alcançado e foi muito satisfatória.

- Sistematizar didaticamente os achados da pesquisa, os quais serão usados durante as aulas, com o intuito de demonstrar a importância do resgate e da valorização do conhecimento Kaingang sobre os assuntos abordados; Este tópico foi alcançado, porém, ele é um trabalho contínuo, o qual vai requerer mais tempo de efetivação em torno do tema.

- Reproduzir histórias em quadrinhos e mapas mentais com os alunos da escola, observando-se a maior aproximação deles com a cultura e a culminância da pesquisa; este objetivo foi realizado de maneira muito especial, visto que houve muito interesse por parte dos alunos em materializar os achados da pesquisa e, desta forma, compreender ainda mais sobre a cultura.

- Utilizar a pesquisa sobre conhecimentos, vivências e tradições no uso de plantas fitoterápicas e Panc's, no processo de ensino/aprendizagem dos alunos indígenas; este é um tópico que pretendo utilizar de maneira permanente em sala de aula, de forma a sempre procurar trazer os temas e assuntos discutidos em aula, os quais tenham alguma relação com os saberes e vivências indígenas.

Quanto aos envolvidos no estudo, a primeira percepção sobre a parte de fitoterapia que chama a atenção é o fato de todos os envolvidos na pesquisa fazerem uso de plantas medicinais e não haver plantas repetidas como resposta, ou seja, não aparecem as mesmas plantas as quais são usadas no seu dia a dia. Desta forma, já pode-se observar a grande biodiversidade de usos e variedades na área indígena.

Outro ponto interessante é a variedade das partes das plantas usadas, ou seja, as partes mais usadas são as folhas (como esperado), porém, aparecem também as

flores, seguidos de galhos, talos, cascas e raízes, mostrando, aqui, mais uma vez, a diversidade de usos das plantas.

Quanto à indicação de uso, aparecem as mais diversas patologias, onde percebe-se o uso das plantas medicinais principalmente para o tratamento de doenças respiratórias como: gripes, resfriados e tosse; doenças digestivas, como: má digestão, males do fígado, dores abdominais e gases, citam também plantas que auxiliam nos males para varizes, vasos sanguíneos e em casos de queimaduras, ou seja, usam para inúmeros problemas. Observa-se, que por mais que cada planta tenha uma finalidade pré-determinada, a planta Quina (*Cinchona officinalis*), foi uma que muito se falou, ou seja, que é usada vastamente como auxiliar contra todas as doenças.

Quanto a forma de preparo, o chá é a principal forma de uso, as plantas, aparecendo também a inalalação e o uso tópico (aplicação em queimaduras). No que diz respeito aos tipos de usos, o uso interno aparece de forma dominante, sendo o uso externo, apenas em casos mínimos. No quesito procedência, quase sua totalidade é cultivada, aparecendo apenas a quina (*Cinchona officinalis*), como sendo coletada na floresta. Após a análise das observações, percebe-se que as plantas medicinais são amplamente utilizadas por essa comunidade indígena e tem uma vasta lista de plantas usadas no dia a dia dos indígenas.

No que tange às perguntas sobre fitoterapia, observa-se que ao perguntar o seguinte: “Que horas costuma coletar as plantas?” e “Em quais condições atmosféricas (dias nublados, ensolarados, após uma chuva)?” as respostas são unânimes que a coleta deve ser feita durante a manhã, com sol (em virtude da fotossíntese, ou seja, quando a planta encontra-se mais ativa) podendo, também, ocorrer na parte da tarde. Sobre a questão: “Além de plantas medicinais, utiliza outras formas alternativas de tratamento?” “Quais são elas?” As respostas foram em torno de dois pontos: quando o uso das plantas não trazo resultado esperado, usam remédios de farmácias e não usam apenas a fitoterapia como forma de tratamento. No quesito: “Tem alguma receita que utiliza as plantas medicinais?” “Pode passar a receita?” Comentou-se que: não tenho, não lembro e sim. Sobre a receita a planta citada foi a erva mate: 3 *pedaços pequenos de quina*, erva mate e água quente. Aqui, novamente, percebe-se a utilização vasta da quina, inclusive nas receitas usadas.

Na sequência, onde questionou-se: “Que tipos de doenças ou males trata com plantas medicinais (indicando males) e quais costuma tratar com remédios de farmácia (químicos)?” Aparecem diversas doenças, as quais são tratadas com os

fitoterápicos, onde podemos citar, por exemplo: dor de estômago, tosse, alergias na pele e gripes. Os indígenas usam a farmácia quando as plantas não funcionam, aí tomam remédios para: depressão, dor de cabeça, inflamações e fazem uso de antibióticos, quando necessário. No quesito, se comercializam plantas medicinais e, em caso positivo, quais são e, em caso negativo, se teriam interesse em comercializar, todas as respostas foram negativas para a comercialização e não ficou claro se teriam interesse em comercializar ou não, visto que não houve manifestação de nenhum dos envolvidos sobre esse ponto.

Na conversa relacionada à pergunta: “Com quem aprendeu a usar as plantas medicinais?” Também há a unanimidade nas respostas, afirmando que aprenderam com os pais e avós. Aqui fica evidente a passagem de informações/conhecimentos adquiridos para as próximas gerações. Quanto a percepção de qual planta medicinal que mais utilizam, percebe-se que há uma variedade de respostas, visto da própria diversidade e variedade de plantas usadas e para inúmeros fins, onde vê-se respostas, como: chás para resfriado e dores de estômago, marcela, erva doce e hortelã. E por fim, no que tange à planta medicinal que considera mais importante. Mais uma vez aparecem várias respostas, visto da variedade de espécies e a particularidade de cada pessoa onde foram citados, por exemplo: quina, arruda, marcela e o alho.

Sobre a parte de Panc's, todos responderam que usam. Já quando solicitado que citem quais plantas utilizam, as observações foram: alho, hortelã, louro e urucum. As partes utilizadas são: dentes (alho), folhas (hortelã e louro) e sementes (urucum). Já a forma de preparo é: Tempero (alho e hortelã e urucum) e o louro (problemas digestivos). Sobre a questão “Planeja comercializar alguma planta diferente (PANC)?” “Tem interesse em comercializar?” Há unanimidade na resposta, não. Sobre uma possível preocupação se essas plantas (principalmente as nativas ou espontâneas) podem acabar ou reduzir a sua ocorrência. Também há unanimidade na resposta, mas agora positiva, ou seja, existe uma preocupação com a redução ou o fim das plantas utilizadas. A preocupação está ancorada em virtude do aumento do uso de agrotóxicos e o desmatamento. E por fim, ao questionar sobre o que faz para manter/preservar estas plantas na propriedade, aparece a ideia da criação de uma horta medicinal como forma de preservação, ocorrendo, assim, a reprodução de mudas (sementes) e o posterior plantio, além de mais cuidado com a Mãe Terra.

Já com os alunos, foram realizados os mapas mentais e as histórias em quadrinhos de forma conjunta, onde os mesmos participaram de forma ativa e onde eu fui conduzindo, colocando para eles os dados observados, porém, sempre deixando-os pensar sobre e fazerem da forma que achassem melhor no que tange a formação dos mapas mentais e das histórias em quadrinhos. Neste caso, apenas foram oportunizadas aos alunos a monitoria necessária e apresentados a eles os resultados observados. Desta forma, o trabalho com a sequência didática que pressupõe a elaboração de um conjunto de atividades pedagógicas ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo etapa por etapa. “A organização das atividades em sequência tem o objetivo de oportunizar aos alunos o acesso a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, de ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever”. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 167). Assim, corrobora-se com a opinião dos autores, visto que o trabalho foi feito em etapas, com o intuito de repassar aos alunos os ensinamentos adquiridos sobre as vivências e conhecimentos dos índios Kaingang a cerca da fitoterapia e das Panc's.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura indígena Kaingang tem grande importância, principalmente na questão de fitoterapia e artesanato. Muita desta cultura é pouco ou nada conhecida, desta forma, se faz necessário uma abordagem e sequência de pesquisa sobre estes temas. A parte pedagógica é muito interessante neste processo, visto que auxilia no entendimento, resgate e ajuda na compreensão de novas formas de enriquecer esta linda cultura. Os achados são importantes para toda a comunidade escolar, visto que os alunos além de terem contato com sua cultura e maior aprendizado, podem, também, serem disseminadores da cultura, passando aos demais o que aprenderam durante as aulas. Os novos conhecimentos adquiridos são importantes também, observando-se que há a necessidade de inclusão no currículo da escola de matérias voltadas ao resgate da cultura Kaingang, sua alimentação, danças, etc. Hoje, na escola, os alunos têm apenas a matéria de Valores Kaingang, onde aprendem sobre a língua materna. Os alunos tendo mais contato com outras partes da cultura, sem

dúvida os ajudará a, além de conhecer, sentirem-se parte e, desta forma, a cultura será mais disseminada, respeitada e valorizada de uma forma geral.

Sem dúvida, viu-se claramente a importância da vasta cultura Kaingang sobre os fitoterápicos e Panc's e seus usos milenares, os quais trouxeram e trazem inúmeros benefícios para todos que buscam na natureza o restabelecimento da saúde e melhor qualidade de vida.

Apesar de ainda não haver muito empenho para que todo este conhecimento se torne científico, não só pelo tempo que existe, mas principalmente em virtude de sua importância como um todo, todos sabemos que existe uma grande verdade e eficácia na medicina popular indígena. Em virtude de vários fatores, mas principalmente pelo fato de haver muito preconceito e, desta forma, o povo Kaingang acaba por se isolar, os conhecimentos populares ficam *in situ*, o que é prejudicial do ponto de vista social. Muito há ainda por se descobrir na área e da mesma forma, o que já se sabe, cabe ser pesquisado e teorizado de forma efetiva, para que não se perca em meio a outros interesses.

Desta forma, existe uma vasta cultura sobre os assuntos, pouco conhecida por nós, porém muito respeitada no meio indígena e a qual é passada de geração a geração, com muito afincamento e responsabilidade. Que esta cultura possa ser cada vez mais disseminada e respeitada, visto que seu benefício social é imenso e com o resgate de vivências e conhecimentos sobre fitoterapia e uso de Panc's, juntamente com o ensino por investigação, houve um auxílio de forma direta no processo de resgate e ensino/aprendizagem dos alunos indígenas. Uma vez que os mesmos aprenderam e ensinaram de forma lúdica, todo o conhecimento que chegou até eles e o mesmo ainda por muito tempo será usado como ferramenta em sala de aula, estimulando a cada encontro conhecerem e cultivarem ainda mais a cultura indígena Kaingang, no que diz respeito a fitoterapia e Panc's.

Assim, os objetivos geral e específicos foram plenamente atingidos, onde pode-se ter clareza sobre quais conhecimentos o povo Kaingang tem da fitoterapia e das Panc's, além da efetivação da sequência didática (mapas mentais e histórias em quadrinhos), com intuito de despertar o interesse e a aprendizagem dos alunos sobre os temas e resgatar a rica cultura fitoterápica dos índios Kaingang, onde tudo isso muito auxiliou e ainda ajudará no processo de ensino/aprendizagem dos alunos indígenas. Já a questão problema da pesquisa foi concluída com êxito, visto que os achados foram emergidos nas aulas e assim os alunos puderam conhecer mais a

própria cultura e participar ativamente da construção da identidade cultural do seu povo.

REFERÊNCIAS

BECKER, Ítala Irene Basile. **O índio Kaingang no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, [1976] 1995.

BERNARDI, Lucí dos Santos; CALDEIRA, Ademir Donizete; **Educação Escolar Indígena, Matemática e Cultura: A Abordagem Etnomatemática**, 2011.

BONIN, Iara Tatiana. Educação escolar indígena e docência: princípios e normas na legislação em vigor. In. BERGAMASCHI, Maria Aparecida (org.). **Povos Indígenas & Educação**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

BRASIL. **Lei nº 6001 de 19 de dezembro de 1973**. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Diário Oficial da União, Brasília (1973 dez.21). *Disponível em:* http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm. Acesso em: 09/07/2021.

CAVALCANTE, Lucíola Inês Pessoa. **Formação de Professores na perspectiva do movimento dos Professores indígenas da Amazônia**. Revista Brasileira de Educação Jan/Fev/Mar/Abr n. 22, Manaus, 2003.

CLAUDINO, Zaqueu Key. **A formação da pessoa nos pressupostos da tradição Educação Escolar indígena**. 119f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **O oral como texto: como construir um objeto de ensino**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 149-185.

FERREIRA, Bruno. **Educação Kaingang: processos próprios de aprendizagem e educação escolar**. 99f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1995.

FUNAI. *Disponível em:* <https://www.gov.br/funai/pt-br>. Acesso em: 07/10/2021.

GERSEM, Luciano. **O depoimento consta no Informativo da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)**, São Gabriel da Cachoeira, AM, 1996.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. **Olhar longe, porque o futuro é longe: cultura, escola e professores indígenas no Brasil**. 2008, 240f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

HAVERROTH, Moacir. **Agricultura indígena e princípios agroflorestais**. In: SILVA, V. A.; ALMEIDA, A. L. S. de; ALBUQUERQUE, U. P. de (Org.). Etnobiologia e etnoecologia: pessoas & natureza na América Latina. Recife: Nupeea, 2010. p. 307-320.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva. **Guaíba no Contexto Histórico-Arqueológico do Rio Grande do Sul**. Canoas, La Salle: 2002.

MOTA, Lúcio Tadeu. A denominação Kaingang na literatura antropológica, histórica e linguística. In: TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Eduel, 2004, p.1-16.

NUNES, Ângela. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwẽ-Xavante. In: SILVA, Aracy Lopes; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (orgs). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: FAPESP; Global; MARI, 2002.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. **Os Kujà são diferentes: um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da Terra Indígena Votouro**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2005.

SANTOS, Raimunda Maria Rodrigues; SIQUEIRA, Neide Vieira de. **Desafios da educação indígena no Brasil: um balanço da produção acadêmica**. Pesquisa em Debate, edição 10, v. 6, n. 1, jan/jun 2009.

TOMMASINO, Kimiye. Território e territorialidade Kaingang: resistência cultural e historicidade de um grupo Jê. In: MOTA, Lúcio Tadeu, NOELLI, Francisco S., TOMMASINO, Kimiye (Org.). **Urí e Wãxí – Estudos Interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: UEL, 2000. p. 191 – 224.

_____. **Os sentidos da Territorialização dos Kaingang nas cidades**. Fórum de Investigação Jê do Sul IV RAM Curitiba: mimeo. 2001.

_____. Cosmologia Kaingang e suas práticas rituais. In: _____; MOTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Eduel, 2004a, p. 268-284.

_____. Considerações etnológicas a partir de dois conceitos Kaingang: Ga e Krĩ. In: **VI Reunião de Antropologia Del Mercosur**. Montevideo, novembro de 2005, 17p.

VALLE, José Ribeiro do. **A Farmacologia no Brasil: antecedentes e Perspectivas**. Academia de Ciências do Estado de São Paulo: São Paulo, 1978.

JÚNIOR, Valdir F. VEIGA; PINTO, Angelo C. **Química Nova**, 2002, 25, 273.

VILELA, Jason D. Ver. Paul. Méd. 1977, 89, 115.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS

OBSERVAÇÃO 1:

Sobre as plantas medicinais- FITOTERAPIA

1- Utiliza plantas medicinais como remédio ou no tratamento de saúde da família?
() Sim () Não

2- Quais são as plantas que você utiliza como remédio?

Planta Medicinal	Parte utilizada ¹	Indicação terapêutica	Forma de preparo ²	Tipo de uso ³	Procedência ⁴
Macela	Flores	Auxilia nos males do estômago e digestão.	Chá	Uso interno	Cultivada
Hortelã	Folhas	Auxilia nas infecções.	Chá	Uso interno	Cultivada
Erva Luiza	Folhas	Relaxante/ansiedade e calmante.	Chá	Uso interno	Cultivada
Cavalinha	Talos	Problemas de bexiga/ fazer bastante urina.	Chá	Uso interno	Cultivada
Camomila	Flores	Calmante e digestiva.	Chá	Uso interno	Cultivada

LEGENDAS:

1) F: folha; FL: flor; C: casca; CA: caule; FRU: fruto; R: raiz.

2) CH: chá (infusão); PO: pomada; TI: tintura; M: maceração; C: cataplasma; X: xarope; S: suco ou sumo; P: pó; ÓL: óleos; COM: compressa; inalação.

3) UI: uso interno; UE: uso externo.

4) N: nativa; CUL: cultivada; ESP: espontânea; HOR: horta; QUI: quintal, JAR: jardim; AC: áreas de cultivo; PS: pastagem; FL: floresta; AL: áreas de banhado; COM: comprada.

3- Que horas costuma coletar as plantas? Em quais condições atmosféricas (dias nublados, ensolarados, após uma chuva)?

4- Além de plantas medicinais, utiliza outras formas alternativas de tratamento? Quais são elas?

- 5- Tem alguma receita que utiliza as plantas medicinais? Pode passar a receita?
- 6- Que tipos de doenças ou males trata com plantas medicinais (indicando males) e quais costuma tratar com remédios de farmácia (químicos)?
- 7- Comercializa plantas medicinais? Quais? Se não, tem interesse em comercializar?
- 8- Com quem aprendeu a usar as plantas medicinais?
- 9- Qual é planta medicinal que mais utiliza?
- 10- Qual é planta medicinal que considera mais importante?

Sobre as plantas alimentícias- PANCS

1- Você utiliza plantas medicinais como alimento?

() Sim () Não

2- Quais são as plantas medicinais que você utiliza como alimento?

Planta medicinal	Parte utilizada ¹	Forma de preparo ²	Procedência ³
Alho	Dentes	Usada como tempero	Horta
Hortelã	Folhas	Tempero excelente na cozinha	Cultivada

LEGENDAS:

1) F: folha; FL: flor; FR: fruto; C: caule; R: raiz

2) S: salada; SO: sopa; R: refogado; M: molho

3) H: horta; QUI: quintal; AC: áreas de cultivo; FLO: floresta;

3-Comercializa alguma planta diferente (PANC)? Tem interesse em comercializar?

4- Se preocupa se essas plantas (principalmente as nativas ou espontâneas) podem acabar ou reduzir a sua ocorrência?

5- O que faz para manter/preservar estas plantas na propriedade?

OBSERVAÇÃO 2:

Sobre as plantas medicinais- FITOTERAPIA

1- Utiliza plantas medicinais como remédio ou no tratamento de saúde da família?

() Sim () Não

2- Quais são as plantas que você utiliza como remédio?

Planta Medicinal	Parte utilizada ¹	Indicação terapêutica	Forma de preparo ²	Tipo de uso ³	Procedência ⁴
Carqueja	Galhos	Para problemas de digestão.	Chá	Uso interno	Cultivada
Eucalipto	Folhas	Auxilia nos problemas de gripe e resfriados.	Inalação	Uso externo	Cultivada
Boldo	Folhas	Auxiliam no tratamento de má digestão, males do fígado e dor de barriga.	Chá	Uso interno	Cultivada

LEGENDAS:

1) F: folha; FL: flor; C: casca; CA: caule; FRU: fruto; R: raiz.

2) CH: chá (infusão); PO: pomada; Ti: tintura; M: maceração; C: cataplasma; X: xarope; S: suco ou sumo; P: pó; ÓL: óleos; COM: compressa; inalação.

3) UI: uso interno; UE: uso externo.

4) N: nativa; CUL: cultivada; ESP: espontânea; HOR: horta; QUI: quintal, JAR: jardim; AC: áreas de cultivo; PS: pastagem; FL: floresta; AL: áreas de banhado; COM: comprada.

3- Que horas costuma coletar as plantas? Em quais condições atmosféricas (dias nublados, ensolarados, após uma chuva)?

4- Além de plantas medicinais, utiliza outras formas alternativas de tratamento? Quais são elas?

5- Tem alguma receita que utiliza as plantas medicinais? Pode passar a receita?

6- Que tipos de doenças ou males trata com plantas medicinais (indicando males) e quais costuma tratar com remédios de farmácia (químicos)?

7- Comercializa plantas medicinais? Quais? Se não, tem interesse em comercializar?

8- Com quem aprendeu a usar as plantas medicinais?

9- Qual é planta medicinal que mais utiliza?

10- Qual é planta medicinal que considera mais importante?

Sobre as plantas alimentícias- PANCS

1- Você utiliza plantas medicinais como alimento?

() Sim () Não

2- Quais são as plantas medicinais que você utiliza como alimento?

Planta medicinal	Parte utilizada ¹	Forma de preparo ²	Procedência ³
Louro	Folhas	Excelente para quem sofre de problemas digestivos, auxiliando nas gastrites, úlceras, gases e inflamações no fígado.	Cultivada

LEGENDAS:

1) F: folha; FL: flor; FR: fruto; C: caule; R: raiz

2) S: salada; SO: sopa; R: refogado; M: molho

3) H: horta; QUI: quintal; AC: áreas de cultivo; FLO: floresta;

3-Comercializa alguma planta diferente (PANC)? Tem interesse em comercializar?

4- Se preocupa se essas plantas (principalmente as nativas ou espontâneas) podem acabar ou reduzir a sua ocorrência?

5- O que faz para manter/preservar estas plantas na propriedade?

OBSERVAÇÃO 3:

Sobre as plantas medicinais- FITOTERAPIA

1- Utiliza plantas medicinais como remédio ou no tratamento de saúde da família?

() Sim () Não

2) Quais são as plantas que você utiliza como remédio?

Planta medicinal	Parte utilizada ¹	Indicação terapêutica	Forma de preparo ²	Tipo de uso ³	Procedência ⁴
------------------	------------------------------	-----------------------	-------------------------------	--------------------------	--------------------------

<ul style="list-style-type: none"> - Arruda - Babosa - Quina - Erva-doce 	<ul style="list-style-type: none"> - Folhas - Folhas - Cascas e raízes - Folhas 	<p>- Ela é muito importante para o tratamento de varizes, pois fortalece os vasos sanguíneos, além de poder ser utilizada para os casos de ansiedade, sendo um ótimo calmante natural.</p> <p>- Auxilia no tratamento de queimaduras</p> <p>- Auxilia no combate a gripe, resfriados, tosses.</p> <p>- Ela ajuda na má digestão, podendo aliviar os gases e dores abdominais. Além disso, também pode ser utilizada no tratamento da artrite.</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Chá -Tirar o gel da folha, e passar o gel na queimadura. -Chá -Chá 	<ul style="list-style-type: none"> -Uso externo -Uso externo -Uso interno -Uso interno 	<ul style="list-style-type: none"> -Cultivada -Cultivada -Floresta -Cultivada
--	---	---	--	--	---

LEGENDAS:

1) F: folha; FL: flor; C: casca; CA: caule; FRU: fruto; R: raiz.

2) CH: chá (infusão); PO: pomada; Ti: tintura; M: maceração; C: cataplasma; X: xarope;

S: suco ou sumo; P: pó; ÓL: óleos; COM: compressa; inalação.

3) UI: uso interno; UE: uso externo.

4) N: nativa; CUL: cultivada; ESP: espontânea; HOR: horta; QUI: quintal, JAR: jardim;
AC: áreas de cultivo; PS: pastagem; FL: floresta; AL: áreas de banhado; COM: comprada.

3) Que horas costuma coletar as plantas? Em quais condições atmosféricas (dias nublados, ensolarados, após uma chuva)?

4) Além de plantas medicinais, utiliza outras formas alternativas de tratamento? Quais são elas?

5) Tem alguma receita que utiliza as plantas medicinais? Pode passar a receita?

6) Que tipos de doenças ou males tratam com plantas medicinais (indicando males) e quais costuma tratar com remédios de farmácia (químicos)?

7) Comercializa plantas medicinais? Quais? Se não, tem interesse em comercializar?

8) Com quem aprendeu a usar as plantas medicinais?

9) Qual é planta medicinal que mais utiliza?

10) Qual é planta medicinal que considera mais importante?

PANC'S

1) Você utiliza plantas medicinais como alimento?

() Sim () Não

2) Quais são as plantas medicinais que você utiliza como alimento?

Planta medicinal	Parte utilizada ¹	Forma de preparo ²	Procedência ³
Urucum	Sementes	Usado como tempero	Floresta

LEGENDAS:

1) F: folha; FL: flor; FR: fruto; C: caule; R: raiz

2) S: salada; SO: sopa; R: refogado; M: molho

3) H: horta; QUI: quintal; AC: áreas de cultivo; FLO: floresta;

3) Comercializa alguma planta diferente (PANC)? Tem interesse em comercializar?

4) Se preocupa se essas plantas (principalmente as nativas ou espontâneas) podem acabar ou reduzir a sua ocorrência?

5) O que faz para manter/preservar estas plantas na propriedade?

APÊNDICE B – SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA AOS ALUNOS

INTRODUÇÃO AO TEMA- MORFOLOGIA VEGETAL	Inicialmente, houve uma explicação geral sobre as plantas, suas partes principais (morfologia vegetal) e sua importância como um todo para a preservação da vida. Nesta conversa, os conhecimentos prévios dos alunos foram muito importantes, visto que a conversa iniciou-se a partir dos conhecimentos já existentes.
SAÍDA A CAMPO - COLETA DAS PLANTAS COM OS ALUNOS	Após a conversa introdutória, os alunos, juntamente com a professora, foram fazer a coleta do material que foi citado na pesquisa.
ANÁLISE DO MATERIAL	Na sequência, todo o material foi analisado, observando-se os achados da pesquisa, os relatos feitos e o conhecimento prévio dos alunos.
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	Após a coleta do material, foi feita uma pesquisa bibliográfica de cada planta, observando a sua morfologia, sua importância, usos, etc.
ELABORAÇÃO DE EXSICATAS	Ao final, todo o material coletado foi limpo e confeccionado exsiccatas pelos alunos e elaborou-se um pequeno herbário com o material coletado e arquivado.